

Briga por mensalidade resgata contestação estudantil

José Fernando Lafcadito

SÃO PAULO—Longe da importância e da ferocidade registradas 20 anos atrás, quando chegou até a suprir com jovens combatentes na luta armada contra o regime militar, o movimento estudantil de hoje ensaja com dificuldade seu ressurgimento como foco de contestação política, empenhado, por enquanto, em brigas esparsas contra aumentos de mensalidades escolares.

Dizimadas e colodadas na ilegalidade até 1985, entidades como a UNE (União Nacional dos Estudantes) e as representações estaduais estudantis, ainda desarticuladas, vivem, na avaliação de lideranças estudantis paulistas, um "processo de reconstrução". Para, antigos líderes do movimento, no entanto, como o deputado estadual do PT, José Dirceu, presidente da UEE de 1967 a 1968, essas entidades agora "inexistem como representativas dos estudantes".

— Elas só retomarão seu papel histórica quando suas direções estiverem em outras mãos — diz José Dirceu, inconformado com o que ele chama de "oficialismo" assumido pelos atuais dirigentes ao apoiarem, de volta à legalidade, o governo da Nova República. "A UNE e outras organizações de estudantes se perderam no partidário, são dominadas pelo PC



Combatendo reajuste de mensalidades, estudantes treinam a contestação política

do B e estão distanciadas de suas bases", acusa o ex-dirigente e agora deputado José Dirceu.

Para Dirceu, que foi preso no congresso da UNE, em Ibiúna, em 1968, e depois trocado pelo embaixador america-

no Charles Burke Elbrick, sequestrado pela ALN e pelo MR-8 em 1969, os dirigentes atuais "nem são reconhecidos pela maioria dos centros acadêmicos das escolas". Segundo o deputado, a eleição da própria presidente da UNE, Gisela

Mendonça, é resultado de um "congresso fraudado" que a entidade realizou em 1986 sob a administração do PC do B.

Dirigentes estudantis paulistas, como Adriana Saker, que milita no PC do B desde os 15 anos, diretora da UNE, e

São Paulo — Isaías Feitosa

Caio Campos, presidente da UEE, também vinculado ao PC do B, insistem em que os tempos são outros e que a fase de reconstrução exige "tempo e conscientização". "Estamos voltando agora às ruas para protestar contra a situação econômica e o aumento absurdo das mensalidades não significa que abandonamos as lutas gerais", argumenta Adriana Saker, nascida exatamente no ano do golpe militar de 64.

— Não se sai da noite para o dia de um período de terror — afirma Adriana. "Além de cerca de 70% dos estudantes de hoje frequentarem a rede privada de ensino, ao contrário do que acontecia em 60, o próprio perfil do estudante mudou". Segundo Adriana, a conscientização do estudante atual é bloqueada pelo próprio processo de educação em que foi criado sob o regime ditatorial, "quando se aprendeu a não criticar".

O primeiro passo para recuperar a antiga importância, de acordo com a diretoria da UNE, está nesta primeira luta contra os aumentos das mensalidades. "No segundo semestre, quando aparecerem com maior nitidez as propostas da Constituinte, que já deixa transparente seu caráter conservador, estamos certos de que a mobilização se acirrará", promete Adriana.

O presidente da UEE, Caio Campos, também acha que o nível de consciência

dos estudantes está ainda "aquém das necessidades". Segundo Caio, só agora é que parte dos 1 milhão 300 mil universitários do país começa a despertar para a realidade. "É natural que questões econômicas comecem a puxar manifestações", diz. "Esta sempre foi a tendência de todos os movimentos sociais".

Caio Campos está convencido de que, com a evolução dos trabalhos da Constituinte, as pressões e a insatisfação dos estudantes poderão ser canalizadas de forma unitária pelas entidades. "Caminhamos para a etapa decisiva" acredita. "Como deverá ocorrer na Assembleia Constituinte um enfrentamento entre as forças conservadoras e progressistas, pode chegar o momento em que o Governo tente endurecer ainda mais. Aí vai haver o confronto".

Frustrados com o governo Sarney, que inicialmente apoiaram, os dirigentes estudantis preparam-se para retomar o terreno perdido num quadro totalmente diverso de outros tempos. "É certo que de início foram dados alguns passos rumo à democratização do país e que chegaram até a merecer um comportamento diferente de nossa parte", ressalva Adriana Saker. "Mas, quando o governo mostra seu verdadeiro caráter e inviabiliza mudanças, as coisas mudam. A direita também sabe que o momento é decisivo e igualmente se prepara".